

Conversas entre críticos (Sérgio Milliet e Albert Thibaudet) : uma ponte entre a América Latina e a Europa

Doutoranda Laura Taddei Brandini¹ (UNIGE)

Resumo:

“Homem-ponte” da crítica brasileira, conforme o alcunhou Antonio Candido, Sérgio Milliet sempre desempenhou o papel de mediador cultural, dialogando com diferentes gerações de intelectuais, de várias regiões do Brasil, bem como com autores estrangeiros. São suas conversas com um autor d’além-mar que constituem o objeto desta comunicação: o crítico francês Albert Thibaudet (1874-1936), autor de fecundas reflexões sobre a história e a crítica literárias. Além de analisar as citações explícitas ao crítico francês presentes no Diário crítico de Milliet, procuraremos colocar em evidência o impacto da recepção do pensamento de Thibaudet nas concepções críticas do autor brasileiro, observáveis não somente em suas convicções teóricas, como no próprio estilo de seus escritos.

Palavras-chave: crítica; Sérgio Milliet; Albert Thibaudet

«Homem-ponte» da crítica brasileira, conforme o alcunhou Antonio Candido (1978), Sérgio Milliet sempre desempenhou o papel de mediador cultural, dialogando com diferentes gerações de intelectuais, de várias regiões do Brasil, bem como com autores estrangeiros. A leitura dos dez volumes que compõem seu *Diário crítico* (1940-1956) coloca em evidência sobretudo os interlocutores franceses de Milliet, dentre os quais destacamos Albert Thibaudet (1874-1936), autor de vasta produção crítica, e cujas obras *Physiologie de la critique*, de 1930, e *Histoire de la littérature française de 1789 à nos jours*, publicada em 1936, são comentadas pelo crítico brasileiro, apesar de nunca terem sido traduzidas em português.

Thibaudet é um dos grandes nomes da crítica literária da terceira república francesa (1870-1940), embora seja pouco conhecido no Brasil. Autor prolífico, era também um autor plural, tendo escrito sobre os mais variados assuntos, tal como outros críticos de sua geração. Mas Thibaudet não foi apenas um crítico afinado com seu tempo. Ele se destaca dos demais por oferecer, em seus textos, uma mescla de sua vasta erudição e de seu gosto provinciano, locado em sua Borgonha natal, vinícola e gastronômica. Dessa mistura resulta uma crítica descontraída sem deixar de ser séria. Ou, como o define Antoine Compagnon no prefácio de *Réflexions sur la littérature*, edição quase completa da produção crítica de Thibaudet na *Nouvelle Revue Française* (de março de 1912 a abril de 1936, mês de sua morte), « Des figures de son genre nous font pourtant défaut, non étroites mais libres, robustes, énergiques, généreuses, toujours en éveil et curieuses de tout – en un mot, heureuses »² (p. 7). A qualificação de Thibaudet como um crítico « feliz » resume a pluralidade de seus interesses e o entusiasmo com que os mais variados temas eram por ele tratados, segundo a

¹ **Laura TADDEI BRANDINI, Doutoranda**
Université de Genève (UNIGE)
Département de Langue et Littérature Françaises Modernes
laurabrandini@yahoo.com

² « Entretanto, figuras de seu tipo nos fazem falta : elas não têm mentalidade estreita, mas livres, são robustas, enérgicas, generosas, sempre despertas e curiosas sobre tudo – em uma palavra, felizes ». Todas as traduções são de minha responsabilidade.

adjetivação empregada por Compagnon para defini-lo. A partir desse ponto de vista, Compagnon afirma que Thibaudet não deixou discípulos (*Ibid.*, p. 13).

Talvez não na França. Mas no Brasil dos anos quarenta e cinquenta, Sérgio Milliet não só discutiu duas das mais importantes obras de Thibaudet, como também adotou critérios e princípios semelhantes aos do autor francês, dialogando implícita e explicitamente com ele ao longo de todo o seu *Diário crítico*. Ressaltamos, neste trabalho, dois pontos de vista comuns aos críticos, explorados por Milliet em suas leituras de *Histoire de la littérature...* e de *Physiologie...*, a saber a concepção da atividade crítica como uma conversa inteligente e o repúdio ao julgamento crítico.

Em uma crítica publicada em *O Estado de S. Paulo* em 22 de julho de 1945, dedicada a um estudo dos poemas de Heredia escrito por Alfred Bonzon³, Milliet tece reflexões sobre o papel do crítico face às obras literárias do presente e do passado. O autor pondera que o valor do julgamento do crítico é sempre pequeno pois, para ele, o verdadeiro juiz das obras literárias é o público. Milliet acredita que a crítica « pode valer por si mesma, como peça literária, e também pelos problemas que coloca, por tudo que sugere a favor ou contra a obra criticada ». E conclui pelo postulado que guia seu pensamento crítico : « A crítica vale, em suma, como pretexto para uma conversação inteligente. » (1981-1982, vol. IV, p. 164).

Também Albert Thibaudet define a atividade crítica como uma conversa, seja entre o crítico e o público leitor, entre o crítico e o autor da obra em questão, bem como entre os próprios críticos. Em *Physiologie...*, ele opõe à crítica oratória e dogmática a crítica acadêmica, « au bon sens du mot, c'est-à-dire qui descend des jardins d'Académus, de l'esprit du dialogue, de Socrate et de Platon, de Plutarque et de Montaigne »⁴ (p. 156). Citando Sócrates, Platão, Plutarco e Montaigne, Thibaudet estabelece uma tradição literária fundada no diálogo, na qual ele insere sua concepção de crítica. Para ele, o desenvolvimento de uma literatura depende da pluralidade de opiniões e de pontos de vista que a circundam, « pluralité qui introduit dans la littérature les esprits bienfaisants de la discussion, du dialogue, de l'opposition »⁵ (*Ibid.*, p. 161). Em outros termos, o crítico acredita que os intercâmbios culturais, as « conversações inteligentes », na expressão de Milliet, constituem o adubo que faz crescer e fortifica a literatura.

As concepções críticas de Milliet e de Thibaudet unem-se também contra a prática do « julgamento », termo que lhes parece indissociável de « dogmatismo crítico » ou de « crítica normativa ». Em razão dessa compreensão, ambos se opõem sistematicamente a dois críticos : Ferdinand Brunetière, com quem Thibaudet dialoga em *Physiologie...* e em *Histoire...*, e Álvaro Lins, tantas vezes interlocutor de Milliet no *Diário crítico*.

Em *Physiologie...*, Thibaudet dedica um capítulo ao exame do conceito de « julgamento crítico », onde ele explicita sua compreensão da expressão como sinônimo de obediência às regras ditadas pelo crítico. Nos dizeres de Thibaudet,

Brunetière, formulant les principes de la critique dogmatique, donne, disons-nous, pour objet à la critique ces trois opérations : juger, classer, expliquer. En déversant, avec quelque étroitesse et partialité, la pensée de Brunetière du côté scolaire, on pourrait dire que ce sont bien là trois fonctions nécessaires du professeur. (...) Mais les deux dernières opérations ne viennent que comme des conséquences de la

³ *A mensagem de Heredia*. São Paulo : Departamento de Cultura, 1945.

⁴ « no bom sentido da palavra, quer dizer, da crítica que descende dos jardins de Academus, do espírito do diálogo, de Sócrates e de Platão, de Plutarco e de Montaigne ».

⁵ « pluralidade que introduz na literatura os espíritos benfazejos da discussão, do diálogo, da oposição ».

première. Un tel critique est d'abord un juge, il occupe un siège élevé d'où il discourt, proclame, conclut, édicte, récompense et jouit ⁶ (p. 148).

Brunetière, « pai » do julgamento crítico, aos olhos de Thibaudet, representa o modelo de crítico contra o qual este se insurge, atribuindo-lhe toda uma concepção de crítica fundada sobre o autoritarismo e simbolizada pelas imagens do professor e do juiz. Algumas páginas adiante, Thibaudet se pergunta se o papel do crítico é o de formular julgamentos, como um juiz distribui sentenças, e conclui que a tribuna é o lugar dos autores e a cadeira é o lugar do único juiz, que não é o crítico, mas o público (p. 151).

No Brasil dos anos 1940 e 1950, segundo Milliet, Álvaro Lins, então jovem crítico, acredita, como Brunetière, que a atividade crítica pressupõe o julgamento. Milliet, em teoria, recusa tal tarefa e propõe o comentário, a conversa e a expressão dos sentimentos do crítico em lugar da norma, do julgamento, da análise técnica de uma obra. Ora, à exceção do caráter restritivo da palavra “norma”, os elementos citados por Lins e por Milliet não se excluem. Ao contrário, eles se completam. Na visão de Milliet, entretanto, o julgamento e a norma não podem ser dissociados, sendo os dois instrumentos de imposição de um ponto de vista. Para ele, o crítico adepto do julgamento coloca-se acima dos artistas, dos escritores e dos leitores, a fim de lhes ditar regras, tal como o faz o juiz. No sentido inverso, a concepção da crítica como uma « conversação inteligente » é tributária da postura de Milliet contrária a todo tipo de totalitarismo. A interpretação do julgamento como uma imposição é uma constante no *Diário crítico*, de onde selecionamos apenas um exemplo : « Não viso em absoluto ‘legislar’ sobre matéria artística, nem pretendo ‘ficar’ como historiador literário. Quero tão somente agitar, interessar o leitor numa série de problemas que me parecem úteis à cultura de qualquer indivíduo » (vol. III, p. 111).

A postura adotada por Milliet contra o julgamento crítico não só vai de par com a concepção de Thibaudet, como também se estabelece sobre termos semelhantes aos empregados pelo crítico francês, como o verbo « legislar », pertencente ao léxico jurídico, e presente na citação acima.

No texto em que analisa *Physiologie...*, publicado em 23 de dezembro de 1950, citando Thibaudet e com ele fazendo coro, Milliet novamente se opõe à crítica dogmática. Procurando responder à enquête promovida pela *Revista Branca* sobre sua concepção estética da crítica, Milliet descreve a obra de Thibaudet, que lhe parece responder à questão proposta pela revista.

Milliet introduz sua apresentação de *Physiologie...* com uma frase de Thibaudet sobre o século XIX, situando-a, no entanto, no século XX : « Nosso século é um século de críticos » (vol. VII, p. 376). O crítico brasileiro explica a frase empregando a argumentação que Thibaudet constrói, em seu livro, para provar que o século XIX é o século de maior desenvolvimento da crítica francesa, citando a universalização do jornalismo, a consolidação da carreira de professor e o interesse pelos estudos históricos como pilares da crítica nessa época. Ao descontextualizar as reflexões presentes em *Physiologie...*, reportando-as como se o seu autor ponderasse sobre o século XX, Milliet deixa clara sua convicção de que o século XX brasileiro repetia o século XIX francês, de que muitas das reflexões sobre a crítica literária válidas para o século XIX francês eram cabíveis ao contexto brasileiro de 1950.

Em seguida, Milliet expõe a classificação de Thibaudet que concebe três tipos de crítica : a crítica espontânea ou crítica jornalística (« critique spontanée »), a crítica profissional ou crítica dos professores (« critique professionnelle ») e a crítica dos mestres ou crítica de artistas (« critique des

⁶ « Brunetière, formulando os princípios da crítica dogmática, reconhece, digamos, como objeto da crítica, estas três operações : julgar, classificar, explicar. Implicando em certa redução e parcialidade, e se fizéssemos pender o pensamento de Brunetière para o lado escolar, poder-se-ia dizer que aí estão três funções necessárias ao professor. (...) Mas as duas últimas operações só aparecem como conseqüências da primeira. O crítico é inicialmente um juiz, ocupando uma cadeira acima de todos, de onde ele discorre, proclama, conclui, decreta, recompensa e frui ».

Maîtres »). No entanto, o crítico brasileiro fala de « crítica espontânea », « crítica jornalística » e « crítica profissional », desdobrando a « critique spontanée » em duas, preservando a « critique professionnelle » e suprimindo a « critique des Maîtres ».

Descrevendo os tipos de crítica, Milliet delimita a diferença entre a « crítica espontânea » e a « crítica jornalística », apontando o caráter oral da primeira, que era feita nos salões, e a produção escrita regida ao sabor das solicitações do imediato, típica da segunda. Tais características, presentes na descrição de Thibaudet, levam o crítico francês a, diferentemente do que Milliet explica, considerá-las modalidades de um mesmo tipo de crítica, uma vez que ambas expressam juízos pessoais e tratam de obras produzidas no presente. No que concerne a « crítica profissional », a leitura de Milliet segue a descrição de *Physiologie...*, colocando em relevo o caráter eminentemente dogmático dos julgamentos proferidos pelos críticos que se enquadram nessa categoria.

A explicação para a importante modificação que Milliet opera nas categorias de *Physiologie...* encontra-se na estreita relação que seus artigos entretêm com o contexto brasileiro : sempre preocupado em dialogar com seus leitores, Milliet seleciona os aspectos da obra comentada passíveis de suscitar o interesse do interlocutor brasileiro. Nesse sentido, a « critique des Maîtres », nascida no Romantismo francês e caracterizada pelo trabalho crítico compreendido como uma continuação da obra analisada, não encontra eco no Brasil de 1950, e por isso não se constitui como objeto dos comentários de Milliet.

Após a descrição das três categorias de crítica, Milliet se pergunta qual seria a mais fecunda. A « crítica profissional » é a primeira a ser rechassada, por seu autoritarismo e por se ocupar principalmente de obras do passado, já canônicas. A « crítica espontânea » também é excluída, mas pelo fato desta se fazer oralmente em salões e, portanto, ser pouco acessível ao grande público. Por falta de opção resta a « crítica jornalística », como diz Milliet : « Sobra a [crítica] dos jornalistas, a dos leitores inteligentes e, por dever de ofício, obrigados a informar. » (*Ibid.*, p. 377) Apesar de suas imprecisões, essa crítica é a ferramenta que melhor contribui para o desenvolvimento da literatura, pois tem por objeto as obras do presente e é veiculada pelo jornal, sendo de fácil acesso ao público interessado.

Milliet conclui seu artigo reconhecendo que a pergunta da enquete não fora respondida, mas que, ao menos, ficou provada a falência do julgamento crítico. E expressa seu ponto de vista da seguinte maneira : « Entretanto, se apesar de tudo ainda exigissem de nós uma opinião, diríamos que em matéria de crítica tudo está por fazer-se » (*Ibid.*, p. 378). Para Milliet, mais do que expor fielmente as idéias de Thibaudet, era importante adaptá-las a fim de tratar de questões próprias ao sistema literário nacional, que, a seus olhos, estava em construção, e carecia de discussões fecundas para se desenvolver. Convicção essa que explica a forte oposição de Milliet à crítica dogmática, inimiga da diversidade de pontos de vista, e o elogio da crítica jornalística, feita com base nas obras de seu tempo e acessível aos interessados.

Milliet desenvolve as mesmas idéias na crítica dedicada a *Histoire...*, publicada em 6 de novembro de 1943. Nesse texto, que se divide em duas partes, o crítico desenvolve reflexões a partir de algumas idéias presentes na obra de Thibaudet, a saber : a definição de crítica como uma consequência do amor pela literatura, a importância dos cenáculos literários para o desenvolvimento da literatura e a elaboração de um mapa da poesia contemporânea.

Logo no início da primeira parte, Milliet dá o tom de seu artigo : nada há a acrescentar à obra de Thibaudet. Mas ela suscita comentários relativos ao contexto brasileiro, e que dão corpo ao texto.

A definição de crítica de Thibaudet é particularmente cara a Milliet, pois coloca em evidência o amor às letras, o que lhe parece imprescindível à atividade do crítico. Empregando uma comparação típica de seu espírito enófilo de bom *bourguignon*, Thibaudet afirma, no prefácio de sua obra, que se pode aplicar às letras o que o rei Eduardo VII observava a alguém que bebia

rapidamente um bom vinho francês : « Un vin comme celui-là, on le regarde, on le respire, on le goûte, on en boit – et l'on en parle »⁷ (2007 [1936], p. 28). Para Thibaudet, a atividade crítica é a «degustação» da obra literária, tendo por mola motora o prazer, e por resultado, um comentário pessoal. A concepção da crítica como um comentário é também ressaltada por Milliet, que a interpreta como a « necessidade de falar do que se leu » (1981-1982, vol. I, p. 254). Mais adiante, o crítico brasileiro ainda reforça essa opinião, escrevendo : « O bom crítico é aquele com o qual o leitor se compraz em conversar, muito mais do que aquele de quem ouve os juízos pedantes e o mais das vezes falhos » (*Ibidem*).

Na definição de crítica de Milliet, a conversa e a aversão aos juízos dogmáticos andam juntas, pois não há diálogo possível quando um dos interlocutores tem necessariamente a palavra final, dada a sua posição hierarquicamente superior.

Ainda na primeira parte do texto, Milliet reflete sobre o espaço de que o « amor às letras » necessita para se formar : os cenáculos literários. Thibaudet dedica um capítulo inteiro de sua *Histoire...* ao tema, dentro da parte que abriga a geração romântica de 1820 na França. A partir desse mote, Milliet discorre sobre os cenáculos literários brasileiros modernistas, numa intenção clara de recuperação de uma memória que lhe era próxima, porque de muitos ele participara, mas que, à época, estava se perdendo. Nesse sentido, Milliet antecipa parcialmente, e em dois anos, a famosa conferência de 1945 feita por Mário de Andrade sobre o movimento modernista, em que o escritor faz o primeiro balanço do movimento e resgata a importância dos salões literários da época. Profeticamente, Milliet encerra a primeira parte de seu texto com os seguintes dizeres : « A história desses grupos e de sua influência na literatura brasileira ainda está por escrever » (p. 257).

A segunda parte do texto é consagrada à poesia moderna, onde Milliet descreve a idéia de Thibaudet de estabelecer um mapa da poesia contemporânea que apontasse tanto os lugares onde se produzia poesia quanto as diversas correntes poéticas. Essa idéia encontra-se no último parágrafo do capítulo dedicado à poesia da geração de 1914, em *Histoire...* Em consonância com a produção poética de seu tempo, quando reinava todo tipo de subversão da forma poética tradicional – e aqui pensamos nos caligramas de Apollinaire e na produção poética surrealista, por exemplo – Thibaudet não poderia se limitar aos poemas em verso em seu plano de elaboração de um mapa poético. O que faz Milliet reagir em defesa da reabilitação da poesia em versos, defendendo uma tese que será uma constante no *Diário crítico* : a de que as inovações formais propostas pelas vanguardas artísticas acabaram por se tornar fórmulas, empregadas por poetas, romancistas e pintores, como se fossem obrigatórias à expressão artística moderna. O crítico brasileiro observa ainda que as propostas formais vanguardistas contribuíram muito para alargar o abismo existente entre os poetas, romancistas, artistas e críticos, e o público, dado seu rompimento com padrões estéticos tradicionais. Para Milliet, o hermetismo da arte moderna e sua cada vez mais acentuada incomunicabilidade condenam as artes a um futuro incerto, longe da relação com o público.

Nesse ponto, Milliet passa à análise dos poemas de *Crève cœur* (1941), de Louis Aragon. Alguns de seus poemas parecem ao crítico brasileiro exemplos do virtuosismo formal excessivo que conduz ao hermetismo e ao conseqüente distanciamento do público. Outros, mostram o poeta moderno que voltou à prática da poesia versificada sem, no entanto, ignorar as contribuições formais das vanguardas. Nesses casos, a poesia em versos de Aragon adquire, então, a função de contra-exemplo ao pensamento de Thibaudet, que vê uma « prosificação » da poesia em seu tempo : « Entre la prose et la poésie, se fait une osmose toujours croissante »⁸ (2007 [1936], p. 581). O crítico brasileiro vê na proposta de Thibaudet, que aceita com naturalidade o rompimento das barreiras formais entre a poesia e a prosa, um dado estético que amplia a distância existente entre o poeta e seus leitores, reconhecendo no colega francês a falta de visão sociológica que não lhe

⁷ « Um vinho como esse, a gente olha, respira, experimenta, bebe – e comenta ».

⁸ « Entre a prosa e a poesia, atualmente faz-se uma osmose crescente ».

permite enxergar a arte no seio da sociedade, ou seja, em suas relações com o público. Milliet conclui seu texto louvando a beleza lírica de alguns versos de Aragon, demonstrando que suas críticas têm como objetivo expressar suas opiniões, sejam elas de ordem reflexiva ou sentimental, provocadas por pontos de vista diferentes dos seus ou por obras literárias.

Conclusão

As conversas que Milliet entretêm com Thibaudet colocam à mostra dois críticos literários que, embora façam parte de momentos históricos e de contextos sócio-culturais totalmente diversos, têm concepções comuns da prática crítica, evidenciadas pelas leituras que Milliet fez das obras de Thibaudet e que estão presentes em todo o *Diário crítico*, explícita e implicitamente. No que tange aos temas abordados por Milliet, novamente as leituras das obras do crítico francês têm papel fundamental, fornecendo ao crítico brasileiro pontos de partida para o desenvolvimento de reflexões sobre o contexto de seu país.

Exemplos da importância da apropriação de elementos do pensamento europeu na formação de um intelectual brasileiro e na construção de reflexões pertinentes ao contexto brasileiro, o estudo das produções críticas de Milliet e de Thibaudet evidencia a relevância dos estudos comparados entre autores e temas da América Latina e da Europa, constituindo-se como mais uma ponte a unir as duas regiões.

Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. « Sérgio Milliet, o crítico ». In MILLIET, Sérgio. *Diário crítico* vol I. São Paulo: Martins/ Edusp, 1981 [1978], pp. XI-XXX.
- COMPAGNON, Antoine. *La littérature, pour quoi faire ?* Paris : Fayard/ Collège de France, 2007.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. São Paulo : Martins/ Edusp, 1981-1982, 10 vols.
- PRADEAU, Christophe. « Une critique conversationnelle ». In *Littérature*, n° 146, dedicado a Albert Thibaudet. Paris, junho de 2007, pp. 68-81.
- SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature ?* Paris : Gallimard, 1997.
- THIBAUDET, Albert. *Réflexions sur la littérature*. Edição estabelecida por Antoine Compagnon e Christophe Pradeau. Paris : Quarto Gallimard, 2007.
- _____. *Physiologie de la critique*. Paris : Éditions de la Nouvelle Revue Critique, 1930.
- _____. *Histoire de la littérature française*. Edição estabelecida por Michel Leymarie. Paris : CNRS Éditions, 2007 [1936].